

EDIFÍCIO

Acho que já contei a história daquêle francês que ficou encantado com a beleza do Rio de Janeiro. E tanto falava nisso que um amigo lhe perguntou porque êle não vi- quero morar lá.

— Tenho muita vontade mesmo. Mas a cidade está em obras. Assim que acabarem de construí-la que morar lá.

O Rio é, na verdade, uma grande casa em obras — e quem mora aqui deve se acostumar à poeira, aos baques, buracos e zunidos de tôda construção. Cada dia desaparece um recanto cheio de lembranças: o Hotel Central, o Palace... A Galeria Cruzeiro também em breve entrará na picareta. Tudo em obras, e às vêzes em um ritmo veloz. O Banco do Brasil, por exemplo, resolveu construir sua sede central, e abriu concorrência entre alguns dos melhores arquitetos do Brasil. Dêsses, alguns desanimaram: o prazo para a entrega dos projetos era de apenas 100 dias, e se desejava tudo detalhado, minucioso: até a côr dos móveis do gabinete do presidente.

Os que ficaram na concorrência trabalharam como loucos. Os escritórios passavam a noite com suas luzes brancas acesas, e as cabeças de arquitetos, engenheiros, técnicos e desenhistas curvadas sobre as grandes folhas de papel. Entregues os trabalhos no dia marcado, os escritórios deram férias aos seus empregados — e houve gentê, nessas equipês, que precisou fazer uma verdadeira cura de repouso. Começou a trabalhar então a comissão julgadora, composta de representantes de tôdas as entidades de arquitetura e engenharia, e do Banco. Seu trabalho também foi longo — tanto quanto o dos concorrentes. Afinal veio o resultado: a vitória coube a Ari Garcia Roza, jovem arquiteto de excelente reputação, que trabalhara em seu escritório com uma equipe de 16 arquitetos e engenheiros. Sabe-se que de 9 membros do júri, 7 votaram nêle em primeiro lugar, e 2 em segundo. Ari Garcia Roza soube da notícia por intermédio de outros concorrentes que telefonaram para felicitá-lo, em um gesto de elegância que fazia justiça ao seu valor e ao seu esforço.

E depois disso... nada. Apenas uma carta do Banco avisando que, aberto o envelope, tinha sido verificado que êle vencera o concurso. O Banco, antes tão violentamente apressado na construção, ficou na noite. Começaram a circular rumores inquietantes. Falou-se de influências pessoais, amizades em ação, trabalho de sapa. Tudo inverídico e inverossímil em face dos termos claríssimos da concorrência; mas o Banco persiste silencioso.

Não sei se o sr. Ricardo Jaffet sabe disso: o caso está entregue a uma comissão. Ari Garcia Roza é um velho amigo a quem muito admiro e prezo. Não foi, entretanto, êle quem me procurou para contar essa história. Foram outros arquitetos. Procurei-o. Êle me disse simplesmente que está esperando — e naturalmente seu escritório, durante estes três meses que já se passaram desde o julgamento, não pode aceitar nenhuma obra de vulto, à espera do serviço do Banco. Se outros arquitetos se interessam pelo caso, é que êle parece envolvido no mesmo mistério suspeito que tende a desmoralizar as concorrências, que exigem um trabalho imenso e depois ficam esquecidas, devido à displicência ou à fantasia dos responsáveis, quando não há motivos muito mais graves.

O projeto é de uma grande beleza. Isto digo eu, que o vi. De suas qualidades técnicas e funcionais, já falaram os técnicos. Irá o sr. Jaffet, movido por influências inconcebíveis, sabotar a construção de uma obra capaz de honrar nossa cidade e nossa arquitetura e, em primeiro lugar, o próprio Banco? Porque se a política entrar no meio disso, acabaremos tendo outro horroroso Ministério da Fazenda com suas coluninhas de brinquedo ou outra almanjarra qualquer...

R. B.

14-3-52